

---

## Sobre as formas de sentir o vento ou ficções criativas: notas sobre relações entre vigilantes, casarões e seres intangíveis em São Luís

*On the ways of feeling the wind, or creative fictions: notes on the relations between security guards, manors and intangible beings in São Luis*

**Gabriela Lages Gonçalves**

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/14778>

DOI: 10.4000/pontourbe.14778

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Refêrencia eletrónica

Gabriela Lages Gonçalves, «Sobre as formas de sentir o vento ou ficções criativas: notas sobre relações entre vigilantes, casarões e seres intangíveis em São Luís», *Ponto Urbe* [Online], 31 v.1 | 2023, posto online no dia 25 julho 2023, consultado o 28 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/14778> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.14778>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 28 de setembro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC-BY-4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

---

# Sobre as formas de sentir o vento ou ficções criativas: notas sobre relações entre vigilantes, casarões e seres intangíveis em São Luís

*On the ways of feeling the wind, or creative fictions: notes on the relations between security guards, manors and intangible beings in São Luis*

**Gabriela Lages Gonçalves**

---

- 1 Versão original recebida em / Original version 14/03/2022
- 2 Aceito em / Accepted 08/04/2023

## Encontro com os ventos

- 3 Havia acabado de voltar de viagem. O que era bom, já que as viagens sempre têm o poder de me fazer retornar revigorada à rotina local. Era setembro de 2017, estava morando numa casa de dois pavimentos localizado na Praia Grande, bairro turístico do Centro Histórico de São Luís. Perto do Teatro Artur Azevedo e da Fonte do Ribeirão, esquina que na época cruzava a passos rápidos por ser deserta. A beleza dessa temporada estava em observar a dinâmica das ruas – o fechar das lojas, o abrir das frestas, frequentar a feira, voltar com pães, tapioca e legumes para casa. Em uma dessas noites, estranhei o vento de setembro. *[Minha mãe sempre narrava que setembro é um mês de ventos fortes no Maranhão, lembrava isso ao contar e recontar uma travessia bastante tensa que fizera para Alcântara – município há pouco mais de uma hora de barco de São Luís, em 1975].* Acordei de madrugada assustada com algumas rajadas de vento balançando a janela que parecia muito bem fechada. Parecia que alguém sacudia com força a janela da casa querendo entrar a todo custo. Assustada, não peguei novamente no sono. Enquanto a insônia deitava-se comigo, lembrei das várias vezes que o vento fora tópico de minhas conversas em campo com vigilantes de casarões. Os ventos que chutavam

baldes, quebravam janelas de vidro, empurravam coisas, batiam a porta com força como alguém que sai contrariado. Os ventos narrados por meus interlocutores pareciam alternar entre dias de bom e mau humor. Pensei sobre a possibilidade engraçada do vento que forçava minha janela ser o mesmo que encontrava meus colegas em seus turnos de vigilância. *O que garantiria que não eram as mãos de uma visagem forçando as janelas em busca de uma casa para morar?*

- 4 Neste ensaio etnográfico trago questões relacionadas a pesquisa que tenho desenvolvido no Centro Histórico<sup>1</sup> de São Luís, capital do Maranhão. A Ilha de Upaon-açu, como também é conhecida, é marcada por um extenso conjunto arquitetônico em sua região central, onde podemos caminhar por ruas inteiras repletas de casarões remanescentes do período colonial a que o estado do Maranhão foi fortemente submetido.
- 5 Minha pesquisa se ocupa das recorrentes leituras e experiências com seres intangíveis diversamente nomeados – *visagens, espíritos, fantasmas, assombrações* que coabitam sobrados e ruas no bairro da Praia Grande em São Luís. Mulheres, crianças, pessoas escravizadas e entidades são sentidos nas relações de intimidade entre pessoas e casas que pude perceber através da profissão dos vigilantes (Gonçalves, 2020; Gonçalves, 2019). Naquela noite do ano de 2017 escrevi uma nota no celular “vento muito forte batendo a janela” para depois me lembrar de pensar melhor sobre o ocorrido. Neste texto, busco refletir sobre a ‘desnaturalização das ventanias’ que movimentam os casarões onde meus interlocutores convivem – o que distingue uma rajada de vento de uma visagem? As visagens fazem dos ventos seus corpos? Parto de perspectivas que se dedicam a descentralizar o humano nas relações sociais e pensam um mundo habitado com/construído com a vida social de seres intangíveis (Blanes; Espírito Santo, 2014).

## Ventos ou visagens?

- 6 O Maranhão possui um bom acervo de mistérios comumente dissolvidos em ‘lendas’ que misturam aspectos históricos e fictícios sobre a cidade. Entre as mais conhecidas, está a lenda de Ana Jansen, mulher que acumulou riquezas e poder no Maranhão oitocentista, conhecida popularmente pelo maltrato a pessoas escravizadas. Há várias versões da lenda, a que ouvi dos moradores do Centro Histórico narra que Ana Jansen reaparece pelas ruas históricas em uma carruagem puxada por homens escravizados acorrentados, ela segura uma vela e pede água para os moradores, logo depois a vela se transforma em ossos. Em outras versões, a carruagem tem cavalos decapitados com cabeças de fogo ou pessoas sem cabeça. Entre os vigilantes, Ana Jansen é recorrentemente lembrada como uma “visagem famosa”, como uma presença enraizada naquelas ruas históricas. Temas como morte, sofrimento ou apego tendem a ser associados a violência colonial e escravização de pessoas ocorrida em São Luís.
- 7 Visagem é o termo que mais ouço em campo. Entre os contadores oficiais, fala-se também em *espíritos, assombrações, vultos*, ou até mesmo “*peçoas*” que, de alguma forma, convivem com o lugar. A ideia de visagem, aqui, não necessariamente implica em uma manifestação que aparece visualmente, mas um termo utilizado para se referir às manifestações dos espíritos que habitam as casas em suas diversas possibilidades de manifestação (visual, olfativa, tátil, auditiva).

- 8 Visagem, vulto e vento são facilmente difusos entre as pessoas que faço pesquisa. Após ter sentido um estranhamento sobre as rajadas de vento naquele dia, busquei rememorar as tantas vezes que ele era central nas histórias das visagens. Quando me falavam “senti um vulto” ou “passou um vulto” era seguido de uma explicação do fenômeno – o vulto é como uma passagem de uma matéria que aparece desfocada, é um evento rápido que rasteja uma corrente de ar deixando arrepios na pele. As visagens de um casarão constantemente são descritas a partir de fenômenos que envolvem uma força de ação – o movimento de cadeiras, portas, panelas, livros que caem subitamente ou são jogados; as vozes longínquas que sussurram, choram, chamam ou assobiam são ouvidas como um ruído trazido pelos ventos; ou os efeitos das sensações corpóreas como sentir um sopro em seu corpo ou ainda calafrios deixados por um vulto.
- 9 Há alguns registros encontrados em jornais digitalizados que mencionam fantasmas ou visagens nas ruas históricas de São Luís. Na chamada do jornal “O Combate” publicada em 1955, intitulada “Uma vaca fantasma na Rua de São Pantaleão”, moradores contaram sobre a aparição de uma vaca que crescia cerca de dez metros de altura e corria atrás das pessoas. Ao procurar pela palavra “visagem” nos arquivos de jornais do Maranhão, tenho encontrado na Hemeroteca Digital registros de anunciantes que frisam que suas casas “não possuem visagens” ou reportagens com depoimentos de pessoas que presenciaram aparições.
- 10 Os assombros da cidade estão confusos entre esse percurso histórico e fictício que reúne a materialidade das ruas e sobrados e a intangibilidade desses seres. Uma rajada de vento pode se tornar o vetor sensível entre corpo e casa, como se fosse um transportador das visagens. Arrepios, calafrios, vertigem na pele são descritos a partir do vento. Da mesma forma, ele é protagonista dos *vultos* – presença que passa rápido e não se pode ver nitidamente. Há uma centralidade corpórea ou material das visagens que se entrelaça com as rajadas de ventos – arrepios, mal-estar, temperatura (como ficar gelado ou quente), ver um *vulto* ou *espírito*, como uma *pessoa* ou *criatura*. Pode-se pensar que uma dupla centralidade corpórea, na medida em que se escutam sons que são vozes, sussurros, gargalhadas emitidos pelo ‘corpo da visagem’. Em outras palavras, arrisco dizer que os ventos são lidos a partir das visagens em meu contexto de pesquisa e as visagens podem ser percebidas através de objetos/superfícies ou máquinas, quase sempre mediadas pelos ventos. Objetos que são arrastados, jogados, controlados subitamente.
- 11 Na Casa do Maranhão, casarão que abriga um museu com acervo sobre festas populares tradicionais na cidade, Neto, um dos zeladores, contou-me sobre já ter ouvido o acervo de *Cazumbás* tocando seus sinos em ritmo de Bumba-meu-boi. Primeiramente, vale explicar algumas coisas para o melhor entendimento da situação vivenciada por Neto, como a narrativa mítica que originou a festa. O Bumba-meu-boi é uma festa popular e religiosa que tem como origem a história de *Pai Francisco* e *Mãe Catirina*, um casal de trabalhadores de uma fazenda. Na história, Catirina estaria grávida e deseja comer uma língua de boi, assim, pede para que Francisco matasse um dos mais cobiçados bois de seu patrão. Após tê-lo feito, Pai Francisco é descoberto e perseguido por seu patrão. Então, Francisco vai até a floresta e, em um ritual de pajelança com forte presença indígena e de *Cazumbás*, consegue ressuscitar o boi. Logo, os *Cazumbás* ou *Cazumbas* (a palavra possui pronúncia dupla) são como seres espirituais da floresta, expressados em alguns grupos de Bumba-meu-Boi como animais ou rostos “desfigurados”, considerados por alguns como assustadores. Entre as cinco bases rítmicas e instrumentais da

musicalidade do Bumba-meu-boi<sup>2</sup>, chamadas de sotaques, os Cazumbás são mais conhecidos por estarem no sotaque de baixada, caracterizado por roupas largas e sempre mascarados tocando chocalhos ou sinos. Sendo assim, Neto ter ouvido os sinos dos Cazumbás vindos da exposição em que ninguém está vestindo a roupa do personagem ou manuseando os sinos no ritmo correto, torna essa experiência mais uma das manifestações de visagens.



Cazumbá do Bumba meu boi de Santa fé – sotaque de baixada

Foto: Silvana Mendes (2022)<sup>3</sup>

- 12 Na Casa do Maranhão, vigilantes, zeladores, estagiários e demais funcionários descreveram ser comum ouvir passos no chão de madeira ou sentir as passagens de vultos. Uma informação interessante sobre o casarão do museu e os ventos é que o primeiro fica numa encruzilhada entre uma das principais avenidas do Centro Histórico e uma rua de pedras que carrega uma bela vista para o mar. Costuma ser uma área bastante ventilada pela maresia que oscila fortemente entre alta e baixa. Logo em frente à Casa do Maranhão, encontra-se o Cais da Praia Grande, lugar de onde saem os barcos que vão para a cidade de Alcântara – cidade que minha mãe sempre conta sobre a ventania forte que enfrentou em 1975 na travessia entre as cidades. As ventanias são mais agitadas no segundo semestre do ano, conhecidas pela sensação de instabilidade dos barcos nas marés agitadas. Pode-se dizer, de alguma forma, que a Casa do Maranhão faz também uma encruzilhada com o mar quando está cheio a poucos metros da janela da casa.
- 13 Segundo Ícaro, o diretor do museu na época, lá estão presenças que precisam ser respeitadas. Então, a partir dos relatos sobre visagens, de alguma maneira, foram construindo uma espécie de “equilíbrio” na casa – houve um momento que as manifestações inspiravam a presença de crianças, então foram colocados alguns

pequenos brinquedos, doces e uma vela foi acendida onde sentiam com mais intensidade tais presenças. Ícaro está na direção da casa de cultura há sete anos e conta que aprendeu a exercitar sua espiritualidade a partir da afetação que teve nela. Quando se tornou filho de santo, considera que conseguiu entender e lidar melhor com as presenças espirituais que ele e outros funcionários sentiam. Assim, passou a considerar a dar ouvido às sensações, às visagens ou até mesmo aos sonhos que alguns contam envolvendo a Casa do Maranhão – para ele são elementos que ajudam a tomar atitudes que equilibram aquele espaço. Ao manusear os objetos e alocá-los em um espacinho da casa, como velas, brinquedos, bacia com água ou outras coisas, as sensações corpóreas ou de susto eram amenizadas. Um bonito manejo e validação das presenças não humanas que habitam aquele casarão.

- 14 Apesar disso, não posso dizer que esse comportamento é estendido a todos, as manifestações das visagens não são sentidas da mesma forma por todos ou, ainda, não são sentidas por todos. Existem práticas quase que ritualizadas feitas para a evitação do encontro com uma visagem, no caso, aqueles que apenas ‘ouvirem falar’ buscam se proteger de tal encontro evitando espaços, horários ou a permanência por muito tempo na casa. Não foi incomum conhecer vigilantes que passavam seus turnos do lado de fora dos casarões até que se acostumassem ou aqueles que nunca haviam sentido nada, mas tornavam a repassar as histórias de seus colegas, o que podia causar boas gargalhadas também disfarçadas de alerta.
- 15 Em uma tarde de campo, em meados daquele setembro de 2017, fui testada. Neto me levou a uma área conhecida por causar arrepios ou sensações nas pessoas. Naquela época, a área estava mais isolada sem tanto uso nas mediações do museu. Tratava-se de um corredor com pedras<sup>4</sup> das estruturas do casarão à mostra, bastante escuro; entrei acompanhada dele que logo perguntou se eu havia sentido alguma coisa. Apenas descrevi como um ambiente pesado – fazendo coro ao termo utilizado por meus interlocutores para expressar as associações entre as mortes, violências e sofrimentos que os casarões atravessaram ao decorrer do tempo. Foi então que, após nosso experimento, Neto situa Francisco, um dos funcionários administrativos, sobre a minha pesquisa em andamento. Francisco se dedica a me explicar fenômenos que acreditava piamente anular as presenças de visagens – os sons feitos pelo vento entre a madeira e vidros folgados, as estruturas de ventilação, o formato do casarão, as condições climáticas, a alta variação das marés do Maranhão, e acima de tudo os ventos em sua mais ‘natural’ ação, poderiam criar sons que simulam os passos, os arrepios na pele, tocar os sinos dos Cazumbás. Após uma longa explicação, me ocorreu que Francisco, mesmo desacreditando das visagens, se dedicou a validar as diversas situações que eram explicadas pela presença delas.
- 16 Em outro momento, em meados de 2018, ouvi Amaro e Celso, vigilantes do Museu Histórico e Artístico (MHAM), contarem sobre o cheiro de perfume de rosas que era espalhado pelo vento nas madrugadas pelo museu, facilmente associado a uma antiga moradora que ficara conhecida na história local por assassinar duas crianças escravizadas de forma grotesca. Em outros dias, me descreveram assobios, gargalhadas, cheiros de fumaça ou queimado, mulheres que choravam ou encaravam as pessoas em suas aparições. O Museu Histórico e Artístico foi cenário do chamado “Crime da Baronesa” no século XIX, conhecido como um dos primeiros casos em que, em um sistema escravocrata, uma mulher branca, parte da aristocracia social, respondeu judicialmente pelo assassinato de crianças escravizadas. Entre os vigilantes, é comum

associarem a fragrância de perfume que era trazida pelo vento à presença da baronesa. Os ventos do atual museu são entoados por uma leitura que conecta as visagens, fatos históricos e as ficções criativas dos vigilantes, na medida em que criam e circulam elaborações sobre os fenômenos sinestésicos vivenciados. Logo, desacreditar de uma visagem não necessariamente anula as “ações dela”.

## Fazer dos ventos ficções criativas

- 17 Os ventos normalmente são descritos como gelados. Nas experiências cotidianas mais íntimas, parece que o frio se une a essa ideia do “clima pesado” – uma pessoa que sentiu “alguém” deitar ao seu lado no espaço vazio da cama de casal e sentiu o vento gelar suas mãos; uma mão fria tocando suas pernas enquanto medita; ou até mesmo uma vertigem-calafrio no corpo, que chega para lembrar que não se está sozinho. Meus interlocutores constantemente desnaturalizavam os ventos que sentiam em seus turnos evidenciando um modo específico de observar as visagens dos casarões.
- 18 Após imergir na dinâmica dos vigilantes, com todos os receios e dificuldades, retorno para o ponto de partida de meu interesse agora para a tese de doutoramento. Retorno a essa sensação de ‘estranhamento’, essa atmosfera descrita como ‘esquisita’, este impacto primeiro entre pessoa e casa. Se anteriormente me interessava explicar as visagens através das casas – modulando um campo em que conhecia várias pessoas que sentiam efeitos em um mesmo local, hoje pode-se dizer que me interesse pelo impacto, encontro e intimidade entre pessoa e casarão. Ou melhor, em como pessoas estabelecem um elo de comunicação com as casas, em como os vigilantes através de seus corpos apreendem como ler os casarões em que trabalham. Cotidianamente, eram interpelados pelas casas e criavam um acervo corpóreo de como ser menos afetado, como distinguir presenças animais ou humanas de uma visagem, por exemplo. No caso, recomenciar este caminho provocando as tantas menções aos ventos, pensá-lo como uma força motora agenciada por visagens ou por si próprio, parece-me um bom caminho.
- 19 Roy Wagner (2010) antecipou considerações sobre a crise da representação e o conceito de cultura no debate antropológico ao colocar a cultura, anteriormente canonizada como o conceito que oferecia ‘carne e sangue’ ao antropólogo, como um conceito objetificado e objetificante em relação aos contextos de pesquisa. Em sua pesquisa de campo entre os Daribi na Nova Guiné elabora uma perspectiva de cultura como invenção criativa. Com forte influência no trabalho de Strathern, Wagner antecipa a noção de um trabalho de campo como uma experiência criativa e produtiva, as atividades de observar, tomar notas, realizar entrevistas ou participar de atividades locais são acervo das ficções construídas por nós, antropólogos.
- 20 Wagner coloca a etnografia não como representante do real, mas como uma possibilidade de diálogos com processos criativos de outros povos. Inventar a cultura seria reconhecer os diferentes estilos de criatividade nos modos de fazer e viver. No caso, Wagner percebeu como as relações sociais, noções de mulher/família e produções de coisas/pessoas entre os Daribi expandiam as noções ocidentais de trabalho ou vida. Nesse sentido, a pesquisa de campo aparece como um encontro contrastante de conceitos e significados que possibilita um efeito criativo da noção de cultura – primeiramente, a cultura não é algo estável ou apreensível, ela está sendo criada constantemente; o antropólogo se propõe a pensar a criatividade dos outros ao fazer etnografia; e pode-se dizer também que a inventividade da cultura movimenta/cria/faz

coisas e modos de significar. Simultaneamente, há espaço para a própria reinvenção do etnógrafo ao emergir na experiência de campo. Wagner coloca em seu texto os estranhamentos do Daribi sobre ele e a maneira como o pesquisador é pesquisado por seus interlocutores – da mesma maneira que Wagner criava a “outridade” Daribi em suas notas, ele fora criado pelos Daribi. A antropologia do autor aponta para um potencial reflexivo e subjetivo, a partir do momento em que antropólogos conseguem dar graus de inteligibilidade às suas experiências em campo.

- 21 Nesse sentido, busco dar inteligibilidade ao que as pessoas fazem com os ventos em meu campo ou ao que os ventos fazem com as pessoas. Invocando a minha narrativa inicial de experiência com esses fenômenos, a partir do momento em que senti as rajadas de ar nas janelas e fui remetida às visagens que agem através do vento, estou de alguma maneira articulando o esquema conceitual de meus colegas vigilantes de casarões – que difere da ideia de vento na maresia como costuma narrar minha mãe, mas que sou facilmente impelida a lembrar e associar.
- 22 Minhas experiências de sentir e apreender o vento através do meu campo com os vigilantes de casarões me propõe pensar os ventos como entes que participam dos processos de continuidade que habitam São Luís (Ingold, 2012). Tim Ingold propõe considerar as coisas por sua capacidade de imersão – se para ele “as coisas vazam” ou “as coisas estão vivas por que elas vazam” (Ingold, p. 30, 2012), no meu contexto etnográfico os ventos estão vivos e escorrem pelas *casas, coisas e pessoas*. Resgato as considerações de Ingold (2015) no sentido de colocar que, simultaneamente, os criadores da história do mundo, os produtores de coisas e vidas, os habitantes, são compostos por seres sociais não humanos. Assim, as paisagens estão em fluxos e não constituem estruturas fechadas. Ao pensar as coisas como vivas e não agenciadas ou animadas pelo homem, o autor retoma a capacidade de afetação por uma variedade de habitantes, o que retoma as vivências que percebo no Centro Histórico de São Luís: vigilantes estão convivendo e reconhecendo que não são os únicos habitantes de uma casa.
- 23 No final da experiência, o encontro entre pessoa e casarão rende um atravessamento pessoal e social naquele cenário. A maioria dos vigilantes que conheci naquela época não estão mais nos mesmos lugares, as pessoas circulam de acordo com configurações políticas e institucionais, mas arrisco dizer que conviver com casarões traz um aprendizado sinestésico a partir dos eventos vividos. Os humanos ganham novo repertório sensorial. Os moradores com quem tenho trocado em campo, cinco anos depois, narram uma experiência intensa com as casas históricas que são também moradias, falam sobre um sentimento que escorre pelas paredes – através das estruturas físicas, das texturas, das paredes ou chãos talhados em pedras, dos formatos. Como se os casarões fossem permeáveis de temporalidade e carregassem uma coexistência - a moça que entra em seu quarto e sente a necessidade de pedir “com licença” a alguém que não vê ou sente seu corpo apertado por um braço que não enxerga; o rapaz que ao tomar banho vê a mão de um homem negro estendida lhe pedindo água; ou, ainda, a vigilante que coloca uma bacia com água em algumas partes do museu que trabalha para que os espíritos bebam água, e assim se sente protegida. No sentido de Roy Wagner, existe um âmbito inventivo que remete às ficções criativas que vão se construindo sobre os espaços da casa – o banheiro com a porta para o lado de fora ou as grades num compartimento minúsculo no subsolo, recontam, recriam a ruína de sua própria história.

---

## BIBLIOGRAFIA

BLANES, Ruy. ESPÍRITO SANTO, Diana. Introduction: on the agency of intangible. In: BLANES, Ruy. ESPÍRITO SANTO, Diana. (Org.). **The Social Life of Spirits**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2014.

GONÇALVES, Gabriela Lages. Etnografia fantasma: Considerações sobre narrativas e experiências envolvendo seres intangíveis no Centro Histórico de São Luís. **Novos Debates**, Brasília, v. 6, n. 1-2, p. 1-8, 2021. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/36>. Acesso em: 12 mar. 2022. <https://doi.org/10.48006/2358-0097-6202>.

GONÇALVES, Gabriela Lages. **Quem vigia o casarão? Uma análise sobre a convivência entre vigilantes e seres intangíveis nos casarões de São Luís**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - Universidade Federal do Maranhão. 2019.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**. v. 18, n. 37, p. 25-44. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?lang=pt#>. Acesso em : 12 jan. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>.

\_\_\_\_\_. A antropologia ganha vida. In: INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Ubu, 2017.

## NOTAS

1. São Luís recebeu o título de Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) – o que instituiu o tombamento de 1.432 prédios (Governo Federal e UNESCO), e 4.400 prédios tombados pelo Governo do Estado do Maranhão (Maranhão, 1997). Atualmente os casarões seculares são ocupados de diversas maneiras (moradia, espaços culturais, instituições etc.) e têm sido alvo contínuo de investimentos públicos e/ou privados.

2. Todos os anos os grupos de Bumba Meu Boi realizam um ritual que inaugura a capa bordada à mão do boi e o torna apto a poder ‘brincar’ pelos arraiais. Os batizados são realizados nas sedes dos grupos na virada do dia 23 para o dia 24 de junho, o dia de São João. Da mesma forma, após alguns meses, é realizado o ritual de morte do boi, normalmente marcado por uma encenação envolvendo Pai Francisco, Catirina e Cazumbás que adormecem o boi até o próximo ano (Iphan, 2011). Há cinco sotaques ou formas de tocar o ritmo do boi – zabumba, baixada, orquestra, matraca e costa de mão.

3. Silvana Mendes é artista visual maranhense que trabalha com a desconstrução de visualidades negativas e estereótipos impostos a corpos negros. A foto utilizada possui consentimento da artista.

4. Entre as pedras mais presentes nos casarões de São Luís, estão as pedras “seixo de rio”, pedras de “cantaria” e pedras “cabeça de preto”. Todas são resquícios do período

de colonização portuguesa e fazem menções ao processo de escravização – a pedra ‘cabeça de preto’ por exemplo, tem esse nome porque as pessoas negras escravizadas costumavam carregá-las na cabeça.

---

## RESUMOS

Este ensaio etnográfico tem como ponto de partida minha pesquisa de doutoramento situada no Centro Histórico de São Luís (Maranhão) - cidade intitulada Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura (UNESCO). Desde 2017 tenho me dedicado a pensar relações sociais entre os casarões históricos e agências espirituais diversamente nomeadas pelas pessoas (espíritos, fantasmas, assombrações, visagens). Com base em pesquisa etnográfica junto aos profissionais da vigilância, pude ter acesso a experiências cotidianas que se manifestam de diferentes formas – vozes, aparições, cheiros, temperaturas, entre outras formas de afetação. Neste ensaio, reflito sobre uma sutil forma de manifestação das visagens, os ventos que costumeiramente agem sobre espaços, objetos e pessoas em que aponto dois caminhos analíticos – o primeiro refere-se a um reconhecimento tátil/corpóreo de ventos que são manifestações de visagens; o segundo inspira a criação de um “repertório sensorial” a partir do encontro entre pessoas e visagens. Como um exercício etnográfico de desnaturalização dos ventos, proponho uma aproximação entre as ideias de habitar ou criatividade para pensar em processos narrativos e explicativos sobre as experiências vividas por meus interlocutores nos casarões de São Luís.

This ethnographic essay stems from my Ph.D. research project focused on the Historic Center of São Luís (Maranhão) - a city named as World Heritage by The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Since 2017, I've been dedicated to thinking about the social relations between historic manors and spiritual agencies diversely named by people (spirits, ghosts, hauntings, sightings). Based on ethnographic research conducted alongside security professionals, I was able to have access to daily experiences which are manifested in several ways - voices, apparitions, odors, temperatures, among other forms of affectation. In this essay, I reflect upon a subtle way of manifestation, the winds that customarily act on spaces, objects and persons, that I propose two analytical paths - the first refers to a tactile/corporeal recognition of winds that are manifestations of visages; the second inspires the creation of a "sensorial repertoire" from the encounter between people and visages. Therefore, as an ethnographic exercise of denaturalizing the winds, I propose an approximation between the ideas of dwelling or creativity to think about narrative and explanatory processes about the experiences lived by my interlocutors in the mansions of São Luís.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** centro historico, espíritos, relações, patrimonio, São Luís

**Keywords:** historic center, spirits, relations, heritage, São Luís

## AUTOR

**GABRIELA LAGES GONÇALVES**

Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo

*E-mail:* gabyrages12@usp.br

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-9940-7630>